

PLANO DE TRUMP PARA A UCRÂNIA: REALISMO APÓS UMA DÉCADA DE ILUSÕES OCIDENTAIS

A década de conflito na Ucrânia, iniciada em 2014 e escalada em 2022, atingiu um impasse apesar do apoio ocidental; a proposta de paz de Trump em 2025 sugere uma realpolitik, reconhecendo ganhos russos e forçando a neutralidade ucraniana.

Alexandre Raoult*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

DEZ ANOS DE GUERRA, DE 2014 A 2025

A guerra na Ucrânia não começou em 2022, mas em 2014, com os eventos do Euromaidan que levaram à queda e subsequente *impeachment* do presidente Viktor Yanukovych, acusado de abandonar o acordo de associação com a União Europeia em favor de uma aproximação com Moscou. A Rússia interpretou essa virada política como uma grande mudança estratégica em sua vizinhança imediata.

Em março de 2014, aproveitando-se da fragilidade do governo central em Kiev, Moscou anexou a Crimeia após um referendo não reconhecido pela comunidade internacional e imediatamente condenado pelas potências ocidentais. No Donbass, a

crise política gradualmente se transformou em uma insurreição armada: grupos separatistas pró-Rússia, beneficiando-se do apoio material e logístico da Rússia, tomaram o controle de Donetsk e Luhansk. Uma guerra de baixa intensidade se instalou, marcada por confrontos regulares, o fracasso de sucessivos cessar-fogos e a incapacidade da OSCE, apesar de sua presença no terreno, de deter a violência de forma sustentável.

Os acordos de Minsk I (2014) e Minsk II (2015) tentaram estabilizar a situação, mas fracassaram: nem Kiev nem os separatistas no leste da Ucrânia os implementaram de fato, permitindo que o conflito persistisse. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos documentou mais de 3.400 civis mortos entre 2014 e 2021.

A invasão russa de 24 de fevereiro de 2022, portanto, não foi uma aberração, mas uma escalada em um confronto que já durava oito anos. Apesar dos sucessos ucranianos em 2022, particularmente em Kharkov e nos arredores de Kherson, o conflito estava rapidamente se transformando em uma guerra de desgaste. Em 2025, a ONU estimou que mais de 12.300 civis haviam sido mortos desde o início da invasão em larga escala, enquanto a linha de frente se consolidava e as baixas aumentavam em ambos os lados.

APOIO OCIDENTAL (EUROPA E GOVERNO BIDEN): ABUNDANTE, MAS INEFICAZ CONTRA A GUERRA DE DESGASTE

A partir de 2022, o governo Biden adotou uma estratégia clara: fornecer apoio maciço à Ucrânia sem mobilizar tropas americanas. Washington forneceu quase US\$ 67 bilhões em ajuda militar e mais de US\$ 40 bilhões em assistência civil e econômica (Departamento de Estado dos EUA). Enquanto isso, os Estados-membros da União Europeia mobilizaram aproximadamente € 177,5 bilhões entre 2022 e 2025 (Parlamento Europeu).

Essa ajuda se dá na forma de entrega de equipamentos: artilharia, sistemas antiaéreos, veículos blindados, drones e até mísseis ATACMS. No papel, o esforço é considerável. No entanto, na realidade, não altera o equilíbrio estratégico de poder. A contraofensiva ucraniana de 2023, apesar das grandes expectativas, não

conseguiu romper as linhas russas. Diversos centros de estudos — incluindo o Instituto Kiel — passaram a se referir a um “*impasse*”, um impasse militar duradouro.

Economicamente, as sanções ocidentais não levaram ao colapso da economia russa e nem a uma retirada militar significativa. A Rússia está redirecionando suas exportações, beneficiando-se do apoio chinês e da postura ambígua da Índia, ao mesmo tempo em que fortalece sua indústria de defesa. A Europa, por outro lado, enfrenta uma disparada nos preços de bens de primeira necessidade e energia, e vê suas capacidades militares diminuírem sem um plano de rearmamento de curto prazo.

Em 2024-2025, o cansaço do Congresso americano diminuiu a ajuda, e, com a saída de Biden da Casa Branca, os Estados Unidos não desejavam mais financiar sozinhos um conflito que consideravam interminável. Essa mudança foi abrupta; apesar dos investimentos maciços, o Ocidente não conseguiu impedir a Rússia de consolidar sua posição na Ucrânia. A guerra de desgaste imposta por Moscou revelou as limitações estruturais de uma estratégia baseada mais na moralidade neoconservadora do que no poder.

O TERREMOTO TRUMP: RETORNO DA REALPOLITIK AMERICANA E PREPARAÇÃO DE UM PLANO DE PAZ

A posse de Donald Trump em janeiro de 2025 transformou instantaneamente o cenário estratégico. Enquanto Biden priorizava “valores” e apoio irrestrito a Kiev, Trump adotou uma postura transacional: reduzir compromissos dispendiosos, reorientar a política externa para os interesses nacionais e confrontar a Europa com sua dependência militar dos Estados Unidos.

Desde as primeiras semanas de seu governo, a ajuda americana à Ucrânia foi condicionada e, posteriormente, parcialmente congelada. Washington afirmou que o ônus deveria ser “*transferido para os europeus*” (*Washington Post*). Para Kiev, a situação mudou drasticamente: o apoio que parecia “garantido” sob Biden tornou-se contingente e negociável.

Foi nesse novo contexto que um plano de paz americano de 28 pontos surgiu em

meados de novembro de 2025, divulgado pela *Reuters*, *AP News*, *Axios*, *The Guardian* e outros veículos de imprensa internacionais. Este documento, discutido em Genebra entre americanos, ucranianos e europeus, imediatamente gerou controvérsia.

Os europeus denunciam o texto por ser muito próximo das exigências russas. A Ucrânia, pega de surpresa, pede revisões. Trump, por sua vez, defende uma abordagem mais pragmática: estabilizar a Europa Oriental e limitar a influência russa sem confronto direto, permitindo que os EUA se concentrem na China.

Esse reposicionamento estratégico marca uma ruptura profunda com a política idealista adotada por Biden e o retorno dos Estados Unidos ao palco da *realpolitik* global.

PLANO DE PAZ DE TRUMP: PRINCÍPIOS, CONCESSÕES E LÓGICA GEOPOLÍTICA

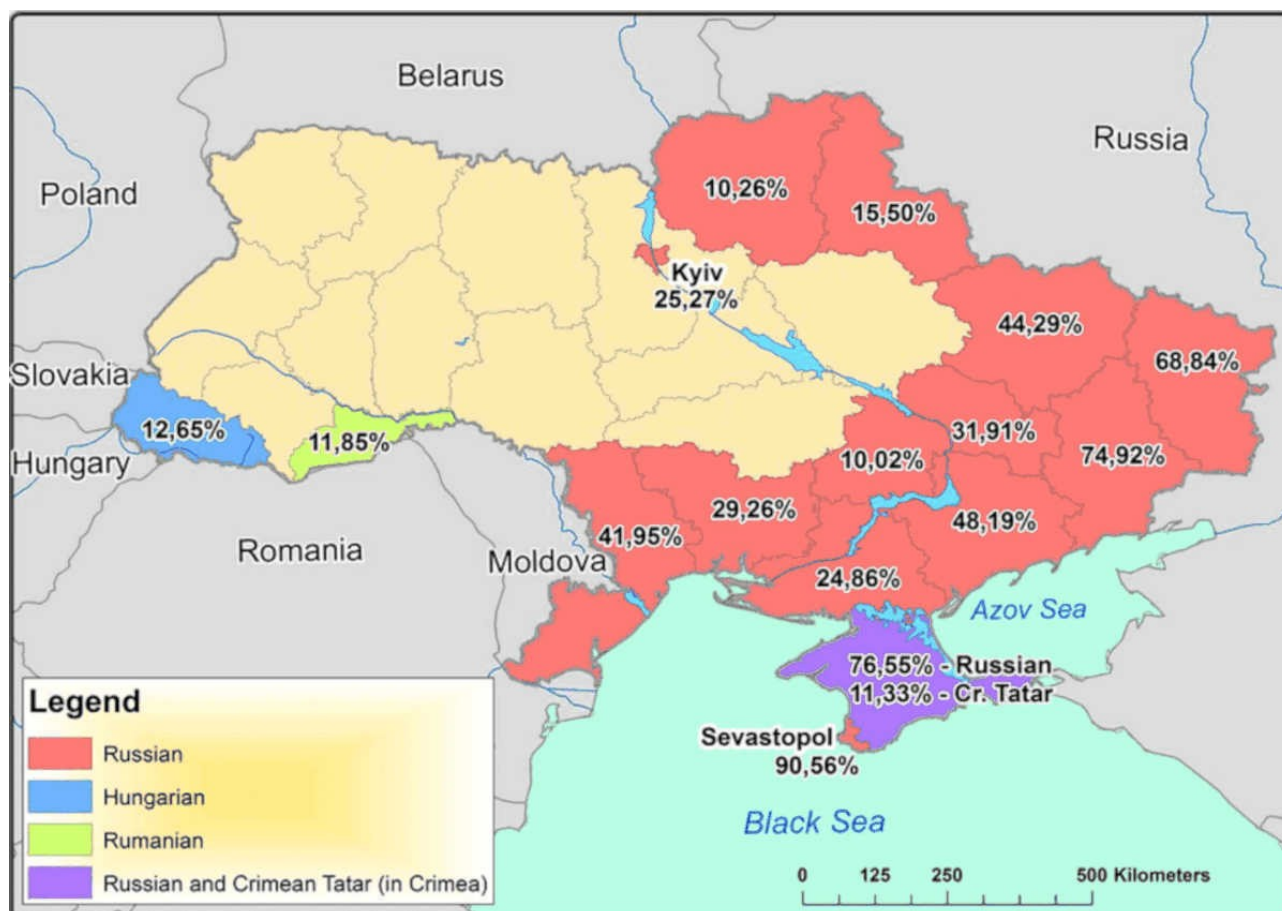
A proposta de plano de paz se baseia em três pilares: um componente territorial, um componente de segurança e um componente econômico-diplomático.

1. Aspecto Territorial: Reconhecendo Fatos Já Estabelecidos

O plano, na prática, endossa o controle russo sobre a Crimeia, Donetsk e Luhansk. A Ucrânia mantém uma soberania “teórica”, mas se compromete a não tentar “*reconquistá-las pela força*”. Nas regiões de Kherson e Zaporizhzhia, a atual linha de frente seria congelada, sob supervisão internacional.

Os críticos veem isso como uma recompensa pela agressão russa. Os realistas veem como um reconhecimento de que esses territórios já eram, em grande parte, separatistas e de língua russa mesmo antes da guerra.

Isso se baseia em dados raramente citados: de acordo com o censo ucraniano de 2001, quase 30% da população ucraniana tinha o russo como língua materna, e a maioria etnolinguística na Crimeia, Donetsk e Luhansk era majoritariamente de língua russa (Censo Estatal; *The Guardian*). A Rússia explorou essa realidade, mas ela já existia.



Mapa dos idiomas falados na Ucrânia (Csernicskó, István, 2020. Ukrainian language policy gone astray. 10.13140/RG.2.2.27049.13929).

2. Aspecto de Segurança: Neutralização da Ucrânia

O plano prevê a neutralidade constitucional da Ucrânia: proibição de adesão à OTAN, compromisso da Aliança de não estacionar tropas em seu território e um limite para o Exército ucraniano entre 600.000 e 800.000 soldados.

Em troca, Kiev receberia “garantias de segurança” não especificadas, incluindo um pacto de não agressão e a criação de um “Conselho de Paz”. Essa estrutura ambígua reflete um compromisso entre uma Ucrânia fraca demais para ser defendida a longo prazo e uma Rússia forte demais para ser contida sem uma escalada entre os dois blocos.

3. Aspecto Econômico: Reconstrução e Suspensão Gradual das Sanções

O plano prevê o uso de US\$ 100 a US\$ 200 bilhões em ativos russos congelados para financiar a reconstrução da Ucrânia, enquanto Moscou poderia recuperar seu assento no G8 se cumprir o acordo. Kiev, por sua vez, receberia apoio reforçado para sua adesão à UE e realizaria eleições gerais em até 100 dias após o cessar-fogo.

JUSTIFICATIVA REALISTA: LEGADO DE 2014, SOCIOLOGIA UCRANIANA E FRACASSO DA GUERRA TOTAL

Uma leitura realista do plano de Trump baseia-se em três observações fundamentais.

1. Donbass Nunca Foi Reintegrado Pela Força

Entre 2014 e 2022, o Donbass funcionou como uma zona separatista, com um governo separatista alternativo, presença militar russa e uma população amplamente hostil a Kiev. Os Acordos de Minsk nunca resultaram em sua reintegração à ordem ucraniana. O plano de Trump endossa uma realidade que oito anos de diplomacia ocidental não conseguiram mudar.

2. A Ucrânia é Um País Composto, Não Um Bloco Homogêneo

A dimensão linguística é crucial. O sul e o leste da Ucrânia — Odessa, Kharkov, Zaporizhzhia, Mariupol, Donetsk, Luhansk e Sebastopol — eram predominantemente de língua russa antes de 2014. Isso não legitima a invasão ou as anexações, mas demonstra que uma reconquista completa teria exigido o estabelecimento de uma administração regional autônoma, que teria que ser implementada a longo prazo. No entanto, após uma reconquista pela força por Kiev, poderia ter persistido o risco de hostilidade por parte dos novos governos regionais.

O Ocidente, por vezes, negou essa heterogeneidade, preferindo uma narrativa simplista de uma Ucrânia unida em um único bloco. Essa narrativa mostrou-se inadequada para a diplomacia necessária.

3. Uma Guerra de Desgaste é Insustentável

A ONU relata centenas de baixas civis por mês entre 2024 e 2025. Os estoques estratégicos ocidentais estão diminuindo, os orçamentos europeus estão se

esgotando, a população está sofrendo com a crise econômica e o objetivo de “libertar toda a Ucrânia” já não possui qualquer credibilidade estratégica.

Nesse contexto, Trump defende uma paz imperfeita, porém estabilizadora, uma posição coerente com a lógica do equilíbrio de poder.

UMA PAZ DE PODER, AO INVÉS DE UMA PAZ DE PRINCÍPIOS

O plano de paz proposto por Donald Trump para a Ucrânia representa um ponto de virada: o retorno deliberado à *realpolitik* após 10 anos de idealismo ocidental. Ele reconhece as perdas territoriais para Kiev, impõe uma neutralidade forçada e oferece a Moscou uma reintegração gradual à comunidade internacional e às instituições ocidentais. Será criticado por sua natureza “transacional”, mas deriva de uma simples constatação: o Ocidente não tem nem a vontade e nem os meios para infligir uma derrota estratégica à Rússia.

Para os soberanistas europeus, a mensagem é clara: enquanto a Europa depender de Washington para sua segurança, não terá verdadeira autonomia estratégica. Ao destacar brutalmente essa dependência, Trump está forçando a Europa a confrontar a realidade.

O plano de Trump, em última análise, levanta a questão central: uma paz imperfeita hoje é melhor do que uma guerra sem fim amanhã?

A resposta dependerá menos dos princípios demonstrados pelos diversos líderes europeus do que da efetiva demonstração de poder que a Europa e os Estados Unidos estarão dispostos, ou não, a mobilizar.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

****Alexandre Raoult** é mestrando em uma prestigiada escola de negócios em La Rochelle. Fotógrafo freelancer e jovem entusiasta de geopolítica, ele também se interessa por história e sátira política. É redator no [Le Diplomate.Media](#) desde março de 2025.*
